

Rose Afefé

A
GENTIL
CARIOCA



Rose Afefé

Varzedo, 1988

Rose Afefé nasceu em Varzedo, no interior da Bahia, em 1988. A partir do resgate de memórias da infância, a artista trabalha em várias mídias, incluindo instalação, pintura e fotografia. Iniciou em 2018 a construção da obra Terra Afefé, uma micro cidade em escala humana construída com terra, utilizando a técnica do adobe (tijolo de barro cru) e pintada com cal. Situada na zona rural de Ibicoara, Bahia, na região da Chapada Diamantina, Terra Afefé se apresenta como um lugar de encontro e convivência, que relaciona arte e vida e fomenta perspectivas locais a fim de potencializar os saberes do território. A observação e a interação com a natureza são empregadas para conduzir produções de vida mais pulsantes e espontâneas. A poética desse território desdobra-se, por fim, na produção e fabulação imagética que cerca o fazer artístico de Rose.

Em 2025, participa das exposições coletivas “Afro Brasilidade: homenagem a dois Valentins e um Emanuel”, na FGV Arte no Rio de Janeiro,

“O início do mundo”, na Pinakothek Cultural, Rio de Janeiro, Brasil, “Histórias da Ecologia”, no MASP, São Paulo, Brasil. No contexto da Saison Brésil-France 2025, a artista foi selecionada para o programa de residência na Fundação Agnès b., e realização da exposição individual “Re-construção”, em Paris, França. Também participa da residência Hangar, em Lisboa, Portugal. Em 2024, realizou a exposição individual “Cidade de Fachada”, no Parque da Catacumba, Rio de Janeiro, Brasil. Também integrou as coletivas “Ecos Malês”, na Casa das Histórias de Salvador, “Diversos”, na Casa França-Brasil, e “Por uma outra ecologia: o que a matéria sabe sobre nós”, no Solar dos Abacaxis, ambas no Rio de Janeiro. Neste ano, realiza a sua primeira individual, “A vergonha quase me tirou a memória”, na A Gentil Carioca e apresenta a “Parede Gentil Nº 40 - Parede Território’s”, cobrindo a parede lateral da galeria na região da Saara, no Rio de Janeiro, com um mural resultado de uma pesquisa artística sobre espaços, ocupações

e as interações que proporcionam. Em 2024, a artista também participou das residências JA.CA - Centro de Arte e Tecnologia, em Minas Gerais, e Pivô, em Salvador. Em 2023, a artista foi vencedora do Prêmio FOCO 2023 e premiada no Salão de Artes Visuais da Bahia. Dentre as exposições coletivas das quais participou, destacam-se: XII Bienal do Recôncavo, “Abre Alas 18”, na A Gentil Carioca e “Artista de Artista”, na Galeria Luisa Strina. Foi indicada ao Prêmio PIPA 2022 e participou do 32º Programa de Exposições CCSP – 2022. Rose Afefé também participou da residência artística Muros: Territórios compartilhados, em Fortaleza-CE e do 32º Programa de Exposições CCSP – 2022. Em 2026, ela irá participar da Residência Ybytu, em São Paulo, Brasil.

Sua obra integra o acervo do Instituto Alexa – Humanamente Responsável, bem como a coleção do Museu de Arte Moderna Aluísio Magalhães (MAMAM), em Recife.

Rose Afefé

Varzedo, 1988

Rose Afefé was born in Varzedo, in the interior of Bahia, in 1988. Based on her childhood memories, the artist works in various media, including installation, painting and photography. In 2018, she began building Terra Afefé, a micro-city on a human scale built with earth, using the adobe technique (raw clay bricks) and painted with lime. Located in the rural area of Ibicoara, Bahia, in the Chapada Diamantina region, Terra Afefé presents itself as a place of encounter and coexistence, which links art and life and fosters local perspectives in order to enhance the territory's knowledge. Observation and interaction with nature are used to produce life that is more pulsating and spontaneous. Finally, the poetics of this territory unfold in the imagery production and fabrication that surrounds Rose's artistic work.

In 2025, she participated in the group exhibitions "Afro Brasilidade: homenagem a dois Valentins e um Emanuel" (Afro-Brazilianity: tribute to two Valentins and one Emanuel) at FGV Arte in Rio de Janeiro, "O início do mundo"

(The beginning of the world) at Pinakothek Cultural in Rio de Janeiro, Brazil, and "Histórias da Ecologia" (Stories of Ecology) at MASP in São Paulo, Brazil. In the context of Saison Brésil-France 2025, the artist was selected for the residency program at the Agnès b. Foundation and held the solo exhibition "Re-construction" in Paris, France. She also participated in the Hangar residency in Lisbon, Portugal. In 2024, she held the solo exhibition "Cidade de Fachada" at Parque da Catacumba, Rio de Janeiro, Brazil. Also participated in the group exhibitions "Ecos Malês" at Casa das Histórias de Salvador; "Diversos" at Casa França-Brasil; and "Por uma outra ecologia: o que a matéria sabe sobre nós" at Solar dos Abacaxis, both in Rio de Janeiro. In this same year, she held her first solo show, "A vergonha quase me tira a memória", at A Gentil Carioca and presented "Parede Gentil Nº 40 - Parede Território's", covering the side wall of the gallery in the Saara region of Rio de Janeiro with a mural that was the result of artistic research into spaces, occupations

and the interactions they provide. In 2024, she also participated in the art residencies JA.CA Art and Technology Center, in Minas Gerais, and at Pivô, in Salvador. In 2023, the artist won the FOCO 2023 Prize and was awarded a prize at the Bahia Visual Arts Salon. Among the group exhibitions she has taken part in are: XII Bienal do Recôncavo, "Abre Alas 18", at A Gentil Carioca and "Artista de Artista", at Galeria Luisa Strina. She was nominated for the 2022 PIPA Award and took part in the 32nd CCSP Exhibition Program - 2022. Rose also took part in the artistic residency "Muros: Territórios compartilhados", in Fortaleza-CE and in the 32nd CCSP Exhibition Program - 2022. In 2026, she will be attending the Ybytu Residency in São Paulo, Brazil.

Her work is part of the collection of the Alexa Institute - Humanly Responsible, as well as the collection of the Aluísio Magalhães Museum of Modern Art (MAMAM) in Recife, Brazil.



VOLTANDO DA ESCOLA
AS CRIANÇAS
RISCavam AS PAREDES



obras
artworks



Extraído de “Ideias para mudar o mundo” do Canal Off, cortesia da artista e Canal Off/Globo

[Excerpt from “Ideias para mudar o mundo” (“Ideas to change the world”) by Canal Off, courtesy of the artist and Canal Off/Globo]

Terra Afefé é uma microcidade construída a partir de memórias e desenhos de infância da artista. A obra é ativada a partir de convocatórias abertas, para então ser ocupada por habitantes transitórios. A partir da convivência, o trabalho sinaliza possibilidades de tensionar questões sociais, ambientais, raciais e de gênero.

A obra foi planejada e construída pela artista em colaboração com a comunidade local. Resgatando a estética e técnicas de construção locais (como o adobe, um tijolo de barro cru), Terra Afefé pretende lançar um olhar para o interior da Bahia a fim de afirmar, questionar e valorizar esses lugares e saberes.

Terra Afefé, 2019

barro, madeira, cal, cimento, brita, ferro

[clay, wood, lime, cement, gravel, iron]

dimensões variáveis

[variable dimensions]





Terra Afefé is a micro-city built from the artist's childhood memories and drawings. The work is activated through open calls and then occupied by transient inhabitants. Through coexistence, the work signals possibilities for tensioning social, environmental, racial and gender issues. The work was planned and built by the artist in collaboration with the local

community. Rescuing local aesthetics and construction techniques (such as adobe, a raw clay brick), Terra Afefé aims to cast a glance towards the interior of Bahia in order to affirm, question and value these places and knowledge.



Terra do Pé Vermelho é uma obra de fachadas, de uma cidade construída em fragmentos e planejada com o tempo. Deslocando conceitos e certezas para o improvisado e as estratégias de risco.

Os números, sinalizações urbanas/rurais, os vazios ou pé da parede sinalizam um lugar, um território invisível na sua completude material, mas carregado de existência no que se propõe: as existências do cotidiano, resguardadas de memórias e insubmissão.

A Terra do Pé Vermelho será fundada com intuito de materializar desejos, de construir qualquer situação ou realização de algo que não é só meu. Monetizando, através de uma taxa, sobre a posse de cada fachada e tornando possível o financiamento de desejos sonhados junto com os habitantes simbólicos dessa nova cidade.

Rose Afefé

Terra do Pé Vermelho, 2024

obra de longa duração

[long-term work]

badobe, barro, areia, madeira, corda e ferro

[adobe, clay, sand, wood, rope and iron]

dimensões variáveis

[variable dimensions]

The Land of the Red Foot (Terra do Pé Vermelho) is a work of facades, of a city built in fragments and planned over time. Shifting concepts and certainties towards improvisation and risk strategies.

The numbers, the urban/rural signposts, the voids or the foot of the wall signal a place, a territory that is invisible in its material completeness, but loaded with existence in what it proposes: the existences of everyday life, guarded by memories and insubmission.

Terra do Pé Vermelho will be founded in order to materialize desires, to build any situation or realization of something that is not only mine. Monetizing, through a fee, the ownership of each facade and making it possible to finance the desires dreamed up together with the symbolic inhabitants of this new city.

Rose Afefé





Por uma outra ecologia: o que a
matéria sabe sobre nós, 2024 | Solar
dos Abacaxis | Rio de Janeiro, Brasil

Multirão para construção da Terra do Pé Vermelho.

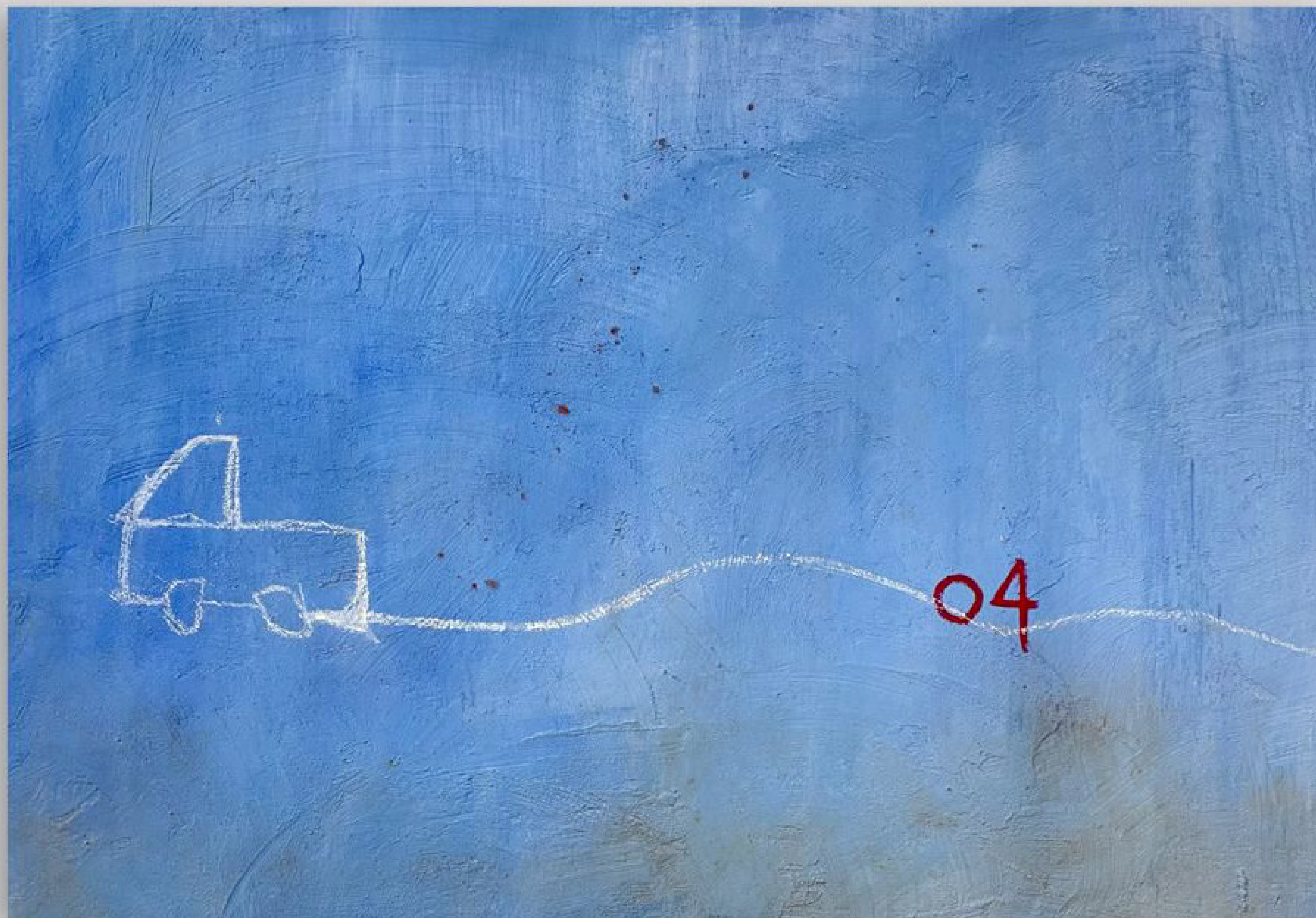
Por uma outra ecologia: o que a matéria sabe sobre nós, 2024 | Solar dos Abacaxis | Rio de Janeiro, Brasil

Multirão para construção da Terra do Pé Vermelho.

[For another ecology: what matter knows about us, 2024 | Solar dos Abacaxis | Rio de Janeiro, Brasil]







Casa do céu azul - 04, 2024

terra, areia, gesso, cola, giz e acrílica sobre tela

[soil, sand, plaster, glue, crayon, acrylic on canvas]

80 x 110 x 3 cm

[31 1/2 x 43 1/4 x 1 1/8 in]

Um dia recebi uma mensagem de Thiago no Instagram: ‘Rose boa tarde eu e Otávio queria saber se vc poderia dar uma chuteira para gente. De quadra. ’Esta mensagem chegou no mesmo mês em que eu estava planejando a Terra do Pé Vermelho.

Em algum momento me veio como resolver esse pedido com arte. Decidi que cada fachada da Terra do Pé Vermelho seria de um habitante simbólico, e que essas pessoas que aparecem de forma poética, com os seus desejos, também serão responsáveis por dar nome às fachadas da cidade.

Foi então que perguntei ao Thiago ‘me diz qual nome você daria para sua casa’, ele olhou a pintura e respondeu: casa do céu azul. Eu desejo que esse trabalho realize o desejo de Thiago e Otávio.

Rose Afefé

One day I received a message from Thiago on Instagram: Rose, good afternoon, Otávio and I wanted to know if you could give us a court football boots. This message arrived in the same month that I was planning Terra do Pé Vermelho.

At some point it came to me how to solve this request with art. I decided that each facade of Terra do Pé Vermelho would belong to a symbolic inhabitant, and that these people who appear in poetic form, with their wishes, would also be responsible for naming the city’s facades.

It was then that I asked Thiago “tell me what name you would give your house”, and he looked at the painting and replied: ‘casa do céu azul’” (house of the blue sky). I hope this work fulfills Thiago and Otávio’s wish.

Rose Afefé

Casa do céu azul - 04, 2024

acrílica sobre tela, terra, areia, gesso, cola e giz

[acrylic on canvas, soil, sand, plaster, glue and chalk]

80 x 110 cm

[31 1/2 x 43 1/4 in]





Sem título [Untitled], 2024
areia, pasta de modelagem, gesso, madeira,
graxa e acrílica sobre tela
[sand, modeling paste, plaster, wood, grease
acrylic on canvas]
110 x 80 x 4.5 cm
[43 1/4 x 31 1/2 x 1 3/4 in]

Nos primeiros dias de montagem, enquanto peneirava a terra para fazer os adobes, Marina chegou e começamos uma conversa. Expliquei um pouco da obra e como o trabalho iria seguir. Ela retrucou minha explicação comentando que queria fazer um pedido também, ser parte dos habitantes simbólicos.

Seu desejo é fazer um curso de pintura no Parque Lage, no Rio de Janeiro. Topei fazer uma fachada para seu desejo, e assim desdobramos conversas sobre a vida.

Os dias passaram e a fachada surgiu, Marina chegou na montagem decidida: Rose, acho que a fachada poderia ser sobre nossos pais, que ambos foram caminhoneiros.

Eu concordei, e pintei na semana seguinte ao dia dos Pais, depois de ler um texto que ela postou no Instagram falando da sua história com seu pai aquariano e de escutar Russo Passapusso comentar o trecho da música que seu pai falou depois de um acidente numa fábrica de fogos.

“... Mas eu não quero cair (não vou cair)
E não consigo voar.”

Rose Afefé

Sem título [Untitled], 2024

tinta acrílica sobre tela, areia, pasta de modelagem, gesso, madeira e graxa

[acrylic paint on canvas, sand, modeling paste, plaster, wood and grease]

110 x 80 cm

[43 1/4 x 31 1/2 in]

During the first few days of the exhibition assembly, while I was sifting the soil to make the adobes, Marina arrived and we started chatting. I explained a little about the work and how it would go on. She responded to my explanation by commenting that she also wanted to make a request, to be part of the symbolic inhabitants.

Her wish is to take a painting course at Parque Lage in Rio de Janeiro. I agreed to make a façade for her wish, and so we talked about life.

The days went by and the façade comed out. Marina arrived at the studio with her mind made up: Rose, I think the façade could be about our parents, who were both truck drivers.

I agreed, and painted it the week after Father’s Day, after reading a text she posted on Instagram about her story with her Aquarian father and listening to Russo Passapusso commenting on the excerpt from the song his father spoke after an accident in a fireworks factory.

“... But I don’t want to fall (I won’t fall)
And I can’t fly.”

Rose Afefé





Sem título [Untitled], 2024

acrílica sobre lona, pasta de modelagem, areia,
gesso, cola, madeira e pregos

[acrylic on canvas, modeling paste, sand, plaster,
glue, wood and nails]

120 x 80 x 5 cm

[47 1/4 x 31 1/2 x 2 in]



Vende-se geladinho, 2024

acrílica sobre lona, massa acrílica, areia, gesso,
cola, madeira, prego e arame

[acrylic on canvas, acrylic putty, sand, plaster,
glue, wood, nails and wire]

120 x 80 cm

[47 1/4 x 31 1/2 in]





Multirão para construção da Terra do
Pé Vermelho, 2024 | Pivô Salvador |
Salvador, Brasil





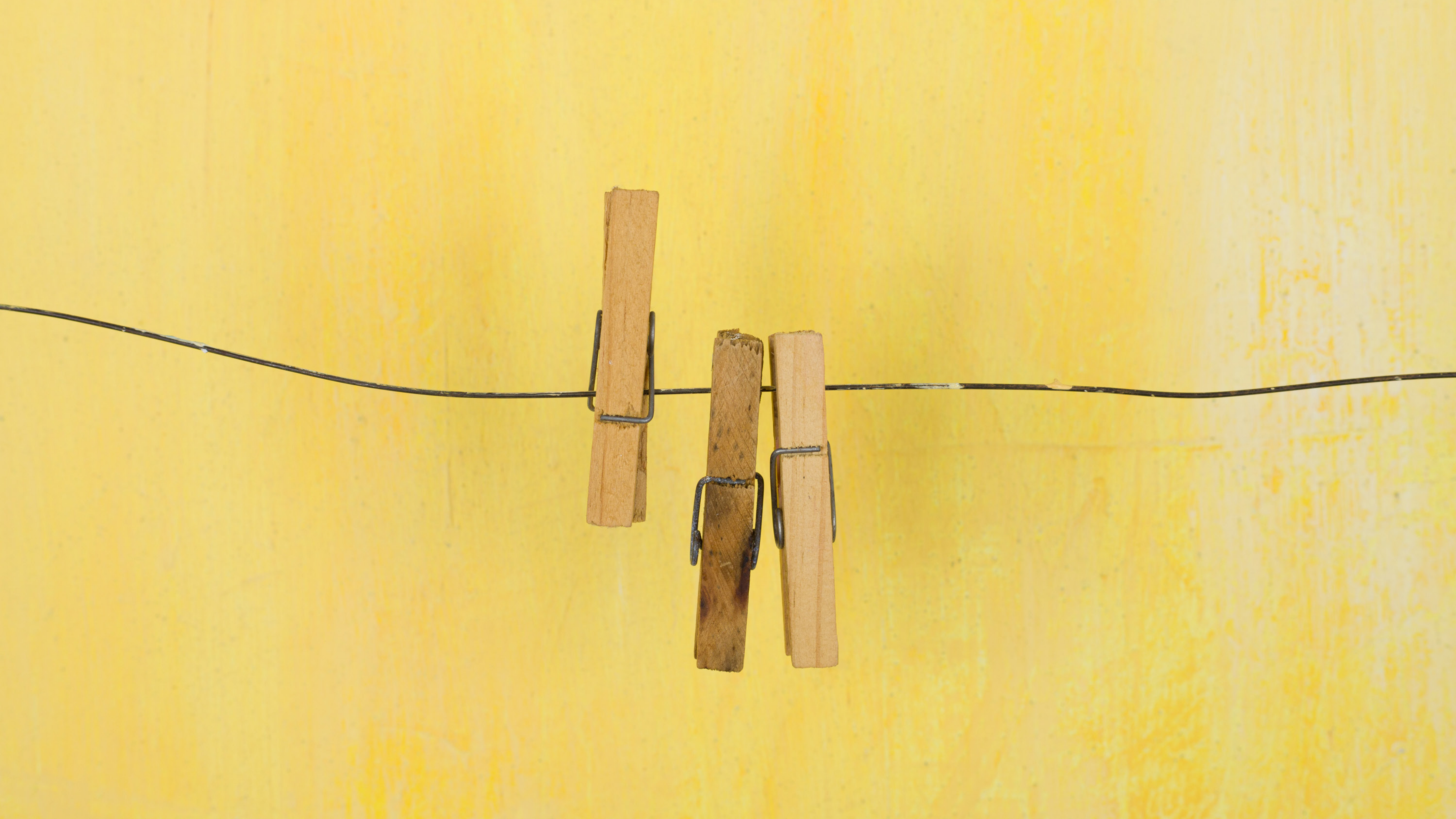
Antes da chuva chegar, 2024

acrílica sobre tela, areia, pô xadrez, gesso, cola, arame,
pregador e prego

[acrylic on canvas, sand, xadrez powder, plaster, glue, wire,
clothes peg and nail]

80 x 130 x 3 cm

[31 1/2 x 51 1/8 x 1 1/8 in]





Sem título [Untitled], 2024

massa acrílica, areia, gesso, cola e acrílica sobre lona

[acrylic putty, sand, plaster, glue and acrylic on canvas]

120 x 170 x 3.5 cm

[47 1/4 x 66 7/8 x 1 3/8 in]



Prumo, 2024

adobe, barro, areia, madeira, corda e ferro

[adobe, clay, sand, wood, rope and iron]

70 x 35 x 8 cm

[27 1/2 x 13 3/4 x 3 1/8 in]





Sem título [Untitled], 2024

acrílica, pasta de modelagem, areia, gesso, cola e madeira

[acrylic, modeling paste, sand, plaster, glue and wood]

40.5 x 25 x 4 cm

[16 x 9 7/8 x 1 5/8 in]





Parede úmida, 2024

tinta acrílica, massa acrílica e areia
[acrylic paint, acrylic putty and sand]

110 x 80.5 x 4 cm

[43 1/4 x 31 3/4 x 1 5/8 in]







Bar, 2024

tinta acrílica, areia, massa acrílica, madeira, cachaças (Ypióca, Pitú, Catuaba, Dreher, Bacardí, Velho Barreiro e 51) cartela de isqueiros e lâmina de barbear, abridor de garrafa

[acrylic paint, sand, acrylic putty, wood, cachaças (Ypióca, Pitú, Catuaba, Dreher, Bacardí, Velho Barreiro and 51) cigarette lighters, blade razors and bottle opener]

172 x 124 x 33 cm instalação

[67 3/4 x 48 7/8 x 13 in installation]

170 x 118 x 3 cm tela

[66 7/8 x 46 1/2 x 1 1/8 in canvas]



Prumo, 2024
adobe, barro, areia, madeira, corda e ferro
[adobe, clay, sand, wood, rope and iron]
64 x 46 x 15 cm
[25 1/4 x 18 1/8 x 5 7/8 in]





Sem título [Untitled], 2024

acrílica, pasta de modelagem, areia, gesso, cola e madeira

[acrylic, modeling paste, sand, plaster, glue and wood]

40.5 x 25 x 4 cm

[16 x 9 7/8 x 1 5/8 in]





Dia de São João, 2024

tinta acrílica, pasta de modelagem, areia, prego,
tecido de algodão e barbante

[acrylic paint, modeling paste, sand, steel nails,
cotton canvas and string]

113 x 111 x 10 cm

[44 1/2 x 43 3/4 x 4 in]







*Cidade de Fachada, 2024 | Parque da
Catacumba | Rio de Janeiro, Brasil*



Sem título [Untitled], 2024

acrílica, pasta de modelagem, areia, gesso, cola e madeira

[acrylic, modeling paste, sand, plaster, glue and wood]

40.5 x 25 x 4 cm

[16 x 9 7/8 x 1 5/8 in]





SEU FRAVILELLA - DONA REC
TIVERAM 16 FILHO
A. PARELLO

Sem título [Untitled], 2024

acrílica, pasta de modelagem, areia, gesso, cola e madeira

[acrylic, modeling paste, sand, plaster, glue and wood]

40.5 x 25 x 4 cm

[16 x 9 7/8 x 1 5/8 in]





Parde Gentil, N° 40 - Parede Território's,
2024 | A Gentil Carioca | Rio de Janeiro, Brasil



Fragmentos de memória, 2023

Instalação de adobe, adaptável ao espaço arquitetônico. A compra da instalação também inclui a doação de uma bolsa de residência em Afefé para artistas racializados.

[Installation made of adobe brick, adaptable to the architectural space. The purchase of the installation also includes the donation of a residency grant in Afefé for racialized artists.]





Bar de Tio Geu, 2023

acrílica, pasta de modelagem, areia e madeira
sobre tela de algodão

[acrylic, modelling paste, sand and wood on
cotton canvas]

125 x 91 x 12 cm

[49 1/4 x 35 7/8 x 4 3/4 in]





Moto Táxi Dois Irmãos, 2023

acrílica, pasta de modelagem e areia sobre tela de algodão e banco de madeira

[acrylic, modelling paste and sand on cotton canvas and wooden bench]

170 x 150 x 3.5 cm

[66 7/8 x 59 x 1 3/8 in]



Prêmio Foco ArtRio, 2023
ArtRio | Rio de Janeiro, Brasil



Paredememoria, 2022

Terra e areia.

[Sand and dust.]

400 cm x 500 cm x 150 cm

[157 x 196 x 59 in]

Instalação realizada pela ocasião do 32º Programa de Exposições
do Centro Cultural São Paulo (CCSP) - II MOSTRA 2022
[Installation created for the 32nd São Paulo Cultural Center (CCSP)
Exhibition Program - II MOSTRA 2022]







parede memória

Esta obra é uma homenagem à memória dos brasileiros que morreram durante a ditadura militar. A obra é composta por blocos de concreto pintados de vermelho, cor que representa o sangue derramado. Os blocos são dispostos em uma estrutura que lembra uma parede, mas com aberturas que permitem a passagem de luz e ar, simbolizando a memória que não pode ser totalmente fechada.



texto crítico
critical text

Cidade de fachada

por Luiza Mello

A Terra do Pé Vermelho é uma cidade inventada pela artista Rose Afefé, um canteiro de obras sem endereço fixo, um trabalho de longa duração. Ela existe nas fabulações da artista, e pode se materializar em fachadas pintadas, em fragmentos de paredes, em desenhos, em escritos e em construções. Seu nome é inspirado na terra vermelha de uma região de Minas Gerais onde Rose passou um tempo trabalhando. Trabalho para ela, entre muitas outras coisas, é juntar pessoas para amassar barro com os pés, fazer tijolos de adobe e construir com eles. Durante esse tempo, seus pés e mãos estavam sempre tingidos. Voltando para casa, pensou que seria bonito criar uma cidade a partir do barro vermelho que marca o território nos corpos.

O primeiro mutirão para a construção da Terra do Pé Vermelho foi em 2024, no Solar dos Abacaxis, Rio de Janeiro. Lá foi erguida uma parede que recebeu três pinturas de fachadas. Cada uma tinha um número e um habitante simbólico. Quem quisesse comprar uma fachada deveria pagar, além do valor da obra, o IPTU para realizar o desejo de um morador (qualquer pessoa com uma ligação poética com a obra, ou habitante do lugar de onde a terra foi retirada). Uma proposta lúdica que amplia a operação colecionador-galeria-artista, incluindo mais um “beneficiário” e engajando os envolvidos na realização do sonho de alguém.

Enquanto os tijolos da Terra do Pé Vermelho eram produzidos e a cidade ia se expandindo, a artista recebeu o convite para fazer um trabalho no Parque da Catacumba, Rio de Janeiro.

“É a segunda vez que um pedaço de terra me solicita cuidado.”

É a segunda vez que ela imagina uma cidade, e que uma terra aparece para ser ocupada (a primeira foi a Terra Afefé, na Chapada Diamantina, Bahia, em 2018). Agora, um parque localizado numa região privilegiada do Rio, que foi ocupada durante trinta anos por uma favela, destruída no início dos anos 1970. Um lugar cheio de histórias, assim como seus trabalhos.

No terreno do parque, serão construídos uma galeria, um ateliê-escola e o Museu da Favela da Catacumba. Construções em escala de casas para serem usadas pelas crianças, por artistas, por todas as pessoas. Construções para garantir a memória desse lugar.

A exposição Cidade de Fachada é a chegada da Terra do Pé Vermelho no Parque da Catacumba. Uma cidade composta por uma sequência de fachadas pintadas em telas e madeira. Fachadas são as primeiras coisas que vemos ao chegar em uma cidade, elas são a

cara das cidades, e pouco revelam o que está por trás. A expressão “de fachada” ganha novos sentidos nessa mostra. As fachadas de Rose Afefé são a enunciação de um projeto artístico de ocupação de um território.

Através das pinturas, somos convidadas/os/es a entrar na Cidade de Fachada, a imaginar as relações entre as pessoas que nela vivem, a fazer um passeio por essa terra imaginada. Rose tem a delicadeza de numerar as casas, dar nomes aos moradores, nos contar um pouco sobre suas trajetórias. É importante conhecer as pessoas. Cada fachada é acompanhada de notas biográficas: Tia Cristina, Seu Francisco, Dona Cremilda, Pastor Claudio, Bete do Leite, Mãe Amália de Nanã. A artista cuida da terra e das pessoas, compartilha esse cuidado conosco e nos provoca a pensar que somos parte de um todo, da terra e do tempo.

“O trabalho cria estratégias de desviar o foco de certa forma para algo que envolve uma seriedade, uma burocracia, uma tensão de ocupar um lugar, e coloca foco no lúdico, na poesia, na estética, na beleza dessas fachadas.”

As fachadas são também moeda: parte das vendas e do IPTU será revertida para a construção da Terra do Pé Vermelho na

Catacumba (galeria, ateliê-escola e museu). Uma forma política de elaborar retomadas de posse, de fazer articulações no universo financeiro, de implicar seus trabalhos em operações comerciais que podem beneficiar o coletivo.

“Acredito que, para existir dentro desse mundo que criamos, precisamos criar também novas formas de coexistir.”

O trabalho de Rose Afefé expande questões circunscritas ao universo da arte. Para muitos artistas, colocar um trabalho no mundo é o fim, para ela é apenas o começo. As fachadas aqui apresentadas são o começo e o meio para a realização de um projeto maior. A mostra não se encerra nas pinturas e nos fragmentos de paredes, ela se desdobra, nos convoca a ir além das fachadas, das aparências; propõe a construção de um mundo fabulado, mas real. Uma utopia concreta.

Obs. As frases entre aspas foram escritas ou faladas por Rose Afefé em nossas conversas entre novembro e dezembro de 2024.

Facade city

by Luiza Mello

The Land of the Red Foot (Terra do Pé Vermelho) is a city invented by the artist Rose Afefé, a construction site with no fixed address, a long-term work. It exists in the artist's fabrications, and can materialize in painted façades, fragments of walls, drawings, writings and buildings. Its name is inspired by the red earth of a region in Minas Gerais where Rose spent some time working. Work for her, among many other things, is bringing people together to knead clay with their feet, make adobe bricks and build with them. During this time, her feet and hands were always dyed. Returning home, she thought it would be beautiful to create a city out of the red clay that marks the territory on their bodies.

The first joint effort to build the Land of the Red Foot took place in 2024 at Solar dos Abacaxis in Rio de Janeiro. There, a wall was erected and three facades were painted. Each one had a number and a symbolic inhabitant. Anyone who wanted to buy a façade had to pay, in addition to the value of the work, the IPTU to fulfill the wish of a resident (anyone with a poetic connection to the work, or an inhabitant of the place from which the land was removed). A playful proposal that extends the collector-gallery-artist operation, including another “beneficiary” and engaging those involved in making someone's dream come true.

While the bricks of the Land of the Red Foot were being produced and the city was expanding, the artist received an invitation to create a work in Parque da Catacumba, Rio de Janeiro.

“This is the second time a piece of land has asked me to take care of it.”

It's the second time she's imagined a city, and that a land arises to be occupied (the first was Terra Afefé, in Chapada Diamantina, Bahia, in 2018). Now, a park located in a privileged area of Rio, which was occupied for thirty years by a favela, destroyed in the early 1970s. A place full of stories, just like her works.

A gallery, an atelier-school and the Catacumba Favela Museum will be built on the park site. Buildings on the scale of houses to be used by children, artists and everyone. Buildings to guarantee the memory of this place.

The exhibition Cidade de Fachada (Facade city) is the arrival of the Land of the Red Foot in Catacumba Park. A city made up of a sequence of façades painted on canvas and wood. Facades are the first things we see when we arrive in a city, they are the face of the city and reveal little of what lies behind. The expression “facade”

takes on new meanings in this show. Rose Afefé's façades are the enunciation of an artistic project to occupy a territory.

Through the paintings, we are invited to enter Cidade de Fachada (Facade city), to imagine the relationships between the people who live there, to take a walk through this imagined land. Rose has the delicacy to number the houses, name the residents and tell us a little about their lives. It's important to get to know people. Each façade is accompanied by biographical notes: Tia Cristina, Seu Francisco, Dona Cremilda, Pastor Claudio, Bete do Leite, Mãe Amália de Nanã. The artist takes care of the land and the people, shares this care with us and provokes us to think that we are part of a whole, of the land and of time.

“The work creates strategies to shift the focus away from something that involves a seriousness, a bureaucracy, a tension of occupying a place, and focuses on the playfulness, the poetry, the aesthetics, the beauty of these façades.”

The façades are also currency: part of the sales and the IPTU (Brazilian Urban Property Tax) will go towards the construction of Terra do Pé Vermelho in Catacumba (gallery, atelier-

school and museum). It's a political way of reclaiming possession, of making connections in the financial world, of involving their work in commercial operations that can benefit the collective.

“I believe that in order to exist within this world we've created, we also need to create new ways of coexisting.”

Rose Afefé's work expands on issues confined to the world of art. For many artists, putting a work into the world is the end, for her it's just the beginning. The façades presented here are the beginning and the means of realizing a larger project. The show doesn't end with the paintings and wall fragments, it unfolds, inviting us to go beyond the façades, the appearances; it proposes the construction of a fictitious but real world. A concrete utopia.

Note: The sentences in quotation marks were written or spoken by Rose Afefé in our conversations between November and December 2024.

Por uma outra ecologia: O que a matéria sabe sobre nós

por Matheus Morani

Rose Afefé rememora de maneira ampliada e situada os signos afetivos de sua infância vivida no interior da Bahia, se dedicando a um trabalho de longa duração de recomposição e edificação de suas memórias e seus sonhos na escala de seu próprio corpo. Em 2018, Rose inicia a construção da Terra Afefé, uma microcidade em escala humana na zona rural de Ibicoara, na região da Chapada Diamantina. Utilizando-se de métodos construtivos a partir da matéria ao alcance das mãos, a artista erige a cidade inteira por meio das técnicas de adobe (tijolo de barro cru) e pintura com cal. Neste gesto que aparenta simplicidade em sua sofisticação, Rose volta sua observação e aprendizado a todas as demais espécies que constroem suas próprias “casas”, levantando estruturas em colaboração com o seu entorno e reiterando a inteligência e o desejo manifestas em todas as formas de vida.

Nesta exposição, Rose Afefé inaugura uma obra em processo e a fundação de uma nova cidade: a Terra do Pé Vermelho. A partir de sua pesquisa iniciada em residência no Ja.Ca Centro de Arte e Tecnologia, em Nova Lima,

Minas Gerais, Rose identifica os marcadores estéticos de populações vulneráveis aos crimes ambientais ocorridos nas zonas de mineração. A pigmentação do solo tingue de vermelho os pés dos moradores, inspirando o nome dessa nova obra-cidade. Organizada de maneira fragmentária, a Terra do Pé Vermelho adota a circulação e redistribuição de recursos econômicos como seu principal funcionamento ecológico. Rose a funda como um manifesto, estabelecendo um ecossistema financeiro que beneficia diretamente os moradores simbólicos desta Terra, em uma taxa de contrapartida social revertida à materialização de seus sonhos no valor de aquisição de cada uma destas fachadas. Assim como Terra Afefé, a Terra do Pé Vermelho se abre às comunidades para que habitem em seus mais diversos usos e desejos. Aqui, a Terra se apresenta como um espaço de engajamento e implicação do público em novas formas de aprendizado com este material, permitindo que também construam seus sonhos com suas próprias mãos.

For another ecology: What matter knows about us

por Matheus Morani

Rose Afefé remembers the affective signs of her childhood in the interior of Bahia in an expanded and situated way, dedicating herself to a long-term work of recomposing and building her memories and dreams on the scale of her own body. In 2018, Rose began building Terra Afefé, a micro-city on a human scale in the rural area of Ibicoara, in the Chapada Diamantina region. Using construction methods based on materials at her fingertips, the artist erected the entire city using adobe (raw clay bricks) and lime paint techniques. In this gesture that appears simple in its sophistication, Rose turns her observation and learning to all the other species that build their own “houses”, erecting structures in collaboration with their surroundings and reiterating the intelligence and desire manifested in all forms of life.

In this exhibition, Rose Afefé inaugurates a work in process and the foundation of a new city: Terra do Pé Vermelho (Land of the Red Foot). Based on her research, which began during a residency at the Ja.Ca Center for Art and Technology in Nova Lima, Minas Gerais, Rose identifies the aesthetic markers of populations

vulnerable to environmental crimes in mining areas. The pigmentation of the soil dyes the residents’ feet red, inspiring the name of this new work-city. Organized in a fragmentary way, the Terra do Pé Vermelho adopts the circulation and redistribution of economic resources as its main ecological functioning. Rose founded it as a manifesto, establishing a financial ecosystem that directly benefits the symbolic inhabitants of this Land, in a social counterpart fee reverted to the materialization of their dreams in the purchase price of each of these façades. Like Terra Afefé, Terra do Pé Vermelho is open to communities to inhabit in their most diverse uses and desires. Here, Terra presents itself as a space to engage and involve the public in new ways of learning with this material, allowing them to build their dreams with their own hands.

A VERGONHA QUASE ME TIROU A MEMÓRIA

por Luiz Zerbini

Eu tenho um negócio estranho com música.

Às vezes, quando estou vivendo uma determinada situação, me vem uma música na cabeça.

Não sei por que e nem da onde ela vem. Só vem.

De alguma maneira, essa música que vem traduz um sentimento, constrói uma ponte, faz uma relação qualquer que de alguma forma explica o que se está vivendo naquele instante. Quem me conhece sabe do que eu estou falando.

No caso de Rose, a frase da música que me veio foi:

“Eu fico com a pureza da resposta das crianças, é a vida, é bonita e é bonita.”

É sempre assim, vem uma parte qualquer da música que é o gatilho do inconsciente, que puxa da memória o resto da letra. Aí então eu canto ela toda e entendo porque ela veio.

Peço então a você, que cante baixinho o que a música diz mais adiante... cante ela toda se

souber, se não, cante o refrão. Cante só o refrão.

Este texto é sobre esse refrão, o refrão que não será escrito aqui mas todos sabemos de cor.

Por algum motivo esse refrão me levou à obra de Rose Afefé.

Tenho ouvido muita gente nos dias de hoje que, ao falar de qualquer assunto, acabam falando de si, sem perceber. Acho que é um fenômeno dos nossos tempos. Eu não sou uma pessoa assim. Poderia escrever aqui sobre a Rose sem falar de mim. Mas não sei por que desde que fui convidado por ela a escrever alguma coisa sobre o seu trabalho quis falar dela mas de mim também e por isso eu peço desculpas.

Desde a primeira vez que eu vi os trabalhos da Rose senti uma proximidade enorme daquele mundo. Uma intimidade com aquela paisagem. Era como se ela construísse o que eu um dia iria pintar. Apesar deirmos de lugares tão distantes, opostos na verdade. Mas reconheço no trabalho dela uma paisagem interior que também mora em mim.

Para quem não sabe, ela é a mulher que construiu uma cidade sozinha.

A cidade que pintou quando ainda era criança, uma cidadezinha. Uma cidade linda feita de memórias da infância que voltam agora em forma de pura poesia. Ela não sabe por quê. A pessoa constrói uma cidade toda e não sabe por quê. E precisa? Alguém um dia disse a ela que em breve ela compraria um terreno, um pedaço de terra e dias depois quando outro alguém lhe ofereceu um terreno, pelo qual ela não poderia pagar, ela o comprou. Num lugar lindo, um sonho. Uma poesia de Manoel de Barros feita com pedaço de pau, tijolo de barro, emboço, massa e cal. Paisagem caiada. Uma rua inteira com casinhas coloridas. Fez um bar também, com sinuca, música, depois fez um teatro, chamou as amigas e assim as crianças vieram e depois os cachorros. Talvez daí, desse bar com sinuca, tenha vindo a música que ouvi ao longe hoje cedo quando acordei e pensei em Rose Afefé.

Temos nós todos os brasileiros, cravados no coração, a playlist desse boteco situado entre o que há debaixo do barro do chão e o céu iluminado pelas estrelas da cidade de Afefé.

SHAME ALMOST TOOK MY MEMORY AWAY

by Luiz Zerbini

I have a strange thing about music.

Sometimes, when I'm experiencing a certain situation, a song comes into my head.

I don't know why or where it comes from. It just comes.

Somehow, the song that comes to mind translates a feeling, builds a bridge, makes some kind of connection that somehow explains what I'm experiencing at that moment. Anyone who knows me knows what I'm talking about.

In Rose's case, the phrase of the song that came to me was:

"I'm left with the purity of the children's response, it's life, it's beautiful and it's beautiful."

It's always like this: some part of the song comes along and triggers the unconscious, which pulls the rest of the lyrics from memory. Then I sing it all and understand why it came.

Then I ask you to quietly sing what the song says later on... sing it all if you know it, if not, sing the chorus. Just sing the chorus.

This text is about that chorus, the chorus that won't be written here but that we all know by heart.

For some reason this refrain led me to the work of Rose Afefé.

I've been hearing a lot of people these days who, when talking about any subject, end up talking about themselves without realizing it. I think it's a phenomenon of our times. I'm not like that. I could write about Rose here without talking about myself. But I don't know why, ever since I was invited by her to write something about her work, I've wanted to talk about her but also about myself, and for that I apologize.

From the first time I saw Rose's work, I felt an enormous closeness to that world. An intimacy with that landscape. It was as if she was building what I would one day paint. Even though we come from such distant places, opposites in fact. But I recognize in her work an inner landscape that also lives in me.

For those who don't know, she is the woman who built a city on her own.

The city she painted when she was still a child, a small town. A beautiful city made up of childhood memories that now come back in the form of pure poetry. She doesn't know why. A person builds a whole city and doesn't know why. Does she need to? Someone once told her that she would soon be buying a piece of land and a few days later, when someone else offered her a piece of land she couldn't afford, she bought it. In a beautiful place, a dream. A poem by Manoel de Barros made with sticks, mud bricks, plaster, putty and lime. A whitewashed landscape. An entire street with colorful houses. She also made a bar, with a pool table, music, then she made a theater, called her friends and so the children came and then the dogs. Maybe that's where the song I heard in the distance earlier today came from, when I woke up and thought of Rose Afefé.

All of us Brazilians have the playlist of this bar, located between the clay of the ground and the starlit sky of the city of Afefé, engraved in our hearts.

ABUNDANTE MEMÓRIA

por Denilson Baniwa

Parede memória é o chamamento para um habitar coletivo, no qual a construção e a desconstrução cumprem seu papel no tempo. Ao retirar do chão pisado a matéria que, pouco a pouco, torna-se parede e depois retorna ao seu estado original, a artista coloca tensão ao que é permanente ou efêmero nas construções de quem somos, ou seja, na nossa identidade.

O trabalho faz parte de um grande projeto que a artista iniciou em 2018, quando decidiu tornar os rascunhos e desenhos de sua infância em realidade. Naquele momento, recebeu em Ibicoara, interior da Bahia, artistas e comunidade próxima para conviverem por determinado tempo.

Rose Afefé, artista nascida em Varzedo, interior da Bahia, nos traz sua relação com o solo onde vive e o transforma em abrigo e acolhimento. O uso da técnica de construção chamada adobe para levantar paredes é o modo que a artista escolheu para falar sobre a sua origem e identidade: o barro cru, que misturado e solidificado, pouco apouco vai se transformando em casa. É o modo da artista lentamente colocar membros e órgãos de um Ser,

que ao final e em posse de todas as suas partes, transforma-se em Ser - casa, que agora acolhe a criadora e seus convidados.

Para o Centro Cultural São Paulo, a artista traz técnicas aprendidas ao longo de sua vida, desmembra uma casa construída com adobe e traz para o público apenas uma parede que viverá em tempo predeterminado na cidade de São Paulo.

Ela revela que a valorização dos saberes tradicionais é o que nos faz quem somos, e é o barro (ou o chão em que pisamos) que molda os caminhos para a convivência e resistência da comunidade e suas práticas.

Para além da construção, todo o entorno são satélites de barro, formas que moldam tijolos, areia e argila e que se transformarão em um só, quando as águas os conectarem pelas mãos da artista. Tudo é construção para que a parede se torne o que é, e ao final, a marreta quebrará a parede, retornando-a novamente ao estado inicial de barro e areia, recomeçando seu ciclo.

O adobe é uma técnica aperfeiçoada por milhares de anos, em lugares cujo clima tem pouca umidade e que oferecem poucos recursos. Tecnicamente, consiste num bloco de barro, moldado por pequenas caixas de madeira e seco ao ar livre, até que solidifique o suficiente para que se levante uma construção. Para que o bloco fique ainda mais resistente, pode-se incluir no processo esterco de gado, areia, palha ou outra fibra natural, dando assim maior estabilidade aos blocos de barro. Uma característica do adobe, em relação a outros meios de construção, é que o barro não é cozido, mas sim reutilizável, bastando para isso triturá-lo e umedecê-lo.

ABUNDANT MEMORY

by Denilson Baniwa

Memory wall is a call for collective living in which construction and deconstruction fulfill their roles over time. By extracting matter from the treaded ground which little by little becomes a wall and later returns to its original state, the artist questions what is permanent or ephemeral in the construction of who we are, meaning, our identity.

The work is part of a larger project that the artist started in 2018, when she decided to turn sketches and drawings from her childhood into reality. She then hosted artists and a nearby community in Ibicoara, in the Bahia state countryside, so all of them could live together for some time.

Rose Afefé is an artist born in Varzedo, Bahia, who presents us with her relationship to the land she lives in, transforming it into shelter and refuge. By using adobe building techniques to erect walls, the artist chooses to talk about her origins and identity: the raw clay, when mixed and solidified, becomes a house. That is how the artist slowly adds limbs and organs to a Being, which when it is finally in possession of all of its parts, turns into a house-Being that welcomes the artist and her guests.

At the Centro Cultural São Paulo, the artist presents the techniques she learned throughout her life. She dismembers a house that was built with adobe and shows the public a single wall, which will be in the city of São Paulo for a predetermined period.

She reveals that valuing traditional knowledge is what makes us who we are, and the clay (or the very ground we walk on) shapes the paths towards coexistence and resistance for the community and its practices.

There are clay satellites around the construction, forms that mold bricks, sand and clay, which become one thing when the waters merge them together with the artist's hands. Everything is construction, so that the wall becomes what it is and in the end, the hammer will shatter the wall and return it to its initial state of clay and sand, restarting the cycle.

Adobe is a technique that has been refined over thousands of years in regions whose climate has low humidity and offers little resources. Technically, it consists of a block of clay that is shaped by little wooden boxes in the open air until it is solid enough to be

used to erect a building. For the block to become even more resistant and stable, cattle manure, sand, straw and other natural fibers can be added to the process. One striking feature of the adobe technique in contrast to other construction techniques is that the clay is not cooked, but reusable: you just have to grind it and make it moist.

Rose Afefé

Varzedo, 1988

exposições individuais [solo exhibitions]

Re-construção, 2025 | Agnès b. Foundation | Paris, França [France]

Cidade de Fachada, 2024 | Parque da Catacumba | Rio de Janeiro, Brasil [Brazil]

A vergonha quase me tirou a memória, 2024 | A Gentil Carioca | Rio de Janeiro, Brasil [Brazil]

exposições coletivas [group exhibitions]

O início do mundo, 2025 | Pinakotheke Cultural | Rio de Janeiro, Brasil [Brazil]

Histórias da Ecologia, 2025 - 2026 | MASP | São Paulo, Brasil [Brazil]

Afro Brasilidade: homenagem a dois Valentins e um Emanuel, 2025 | FGV Arte | Rio de Janeiro, Brasil [Brazil]

Diversos, 2024 | Casa França-Brasil | Rio de Janeiro, Brasil [Brazil]

Ecos Malês, 2024 | Casa das Histórias | Bahia, Brasil [Brazil]

Por uma outra ecologia: o que a matéria sabe sobre nós, 2024 | Solar dos Abacaxis |

Rio de Janeiro, Brasil [Brazil]

Corpo Gesto, 2024 | Nonada | Rio de Janeiro, Brasil [Brazil]

Forróbodó, 2023 | A Gentil Carioca | Rio de Janeiro, Brasil [Brazil]

O Cio da Terra - Cycles of fertility and pause, 2023 | Fundación Pablo Atchugarry | Miami (E.U.A. [U.S.A.]

Refundação, 2023 | MTSC/Galeria Reocupa (Ocupação 9 de Julho) | São Paulo, Brasil [Brazil]

Prêmio Foco, 2023 | ArtRio | Rio de Janeiro, Brasil [Brazil]

Rua da Estação 113, 2023 | A Gentil Carioca | São Paulo, Brasil [Brazil]

Artista de artista, 2023 | Galeria Luisa Strina | São Paulo, Brasil [Brazil]

Abre Alas 18, 2023 | A Gentil Carioca | Rio de Janeiro, Brasil [Brazil]

Programa de Exposições CCSP, 2022 | Centro Cultural São Paulo (CCSP) | São Paulo, Brasil [Brazil]

Brasil zil zil, 2022 | Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica | Rio de Janeiro, Brasil [Brazil]

Esquizópolis, 2013 | Museu de Arte Moderna

da Bahia | Rio de Janeiro, Brasil [Brazil]

XI Bienal do Recôncavo, 2012 | Centro Cultural Dannemann | São Félix, Brasil [Brazil]

Culturas Crioulas - Olhares Cruzados II, 2010 | Escola de Belas Artes da UFBA | Salvado, Brasil [Brazil]

XVI Painel Performático, 2010 | Escola de Dança da UFBA | Salvador, Brasil [Brazil]

IX Bienal do Recôncavo, 2008 | Centro Cultural Dannemann | São Félix, Brasil [Brazil]

premiações [awards]

Prêmio Foco, 2023 | ArtRio | Rio de Janeiro, Brasil [Brazil]

Salões de Artes Visuais da Bahia, 2012 | Jequié, Brasil [Brazil]

formação acadêmica [academic record]

Bacharelado em Artes Plásticas [Bachelor in Fine Arts] | Universidade Federal da Bahia | Salvador, Brasil [Brazil]

Bioarquitetura [Bioarchitecture] | Johan van Lengen | TIBÁ - Instituto de Tecnologias Intuitivas e Bio-arquitetura | Rio de Janeiro, Brasil [Brazil]

residências artísticas [artistic residencies]

Ybytu, 2026 | São Paulo, Brasil [Brazil]

Hangar, 2025 | Lisboa, Portugal [Portugal]

Agnès b. Foundation, 2025 | Romainville | França [France]

JA.CA Centro de Arte e Tecnologia, 2024 | Belo Horizonte, Brasil [Brazil]

Pivô Salvador, 2024 | Salvador, Brasil [Brazil]

coleções [collections]

Museu de Arte Moderna Aluisio Magalhães (MAMAM) | Recife, Brasil [Brazil]

Instituto Alexa | Brasil [Brazil]



Rio de Janeiro

Rua Gonçalves Ledo, 11 e 17 sobrado - Centro
CEP 20060-020 | tel +55 (21) 2222 1651
+55 (21) 2232 6985 | correio@agentilcarioca.com.br

São Paulo

Travessa Dona Paula, 108 - Higienópolis
CEP 01239-050 | Tel: +55 (11) 3231-0054
sampa@agentilcarioca.com.br